A etnografia digital e os fundamentos da Antropologia para estudos em redes on-line

Cláudia Pereira Ferraz[1]

Resumo: A presente pesquisa visa refletir sobre o processo histórico-epistemológico para análises em interações sociais mediadas pelas tecnologias de comunicação on-line. Pelas referências de diferentes olhares teóricos irá refletir os movimentos exigidos pelas metodologias aos estudos sobre as novas plataformas de interações sociais/digitais e a demanda multidimensional de significados que emergem daí. A considerar o crescente uso das ferramentas etnográficas nas esferas digitais o paper tem como objetivo a reflexão sobre os recentes paradigmas metodológicos, oriundos dos desdobramentos da Antropologia e dos trabalhos investigativos das mídias digitais como campo, fonte, objeto e instrumentos de pesquisa.

Palavras chave: Etnografia. Etnografia digital. Antropologia. Antropologia das novas mídias. Trabalhos de campo digital.

[1] Graduada em Ciências Sociais e Mestre em Antropologia pela PUC-SP. Doutoranda em Ciência Política no Programa da Pós Graduação em Ciências Sociais pela PUC-SP. Bolsista CNPQ. Membro do Grupo de Estudos inscrito no CNPQ: Juvenália (Sobre Políticas, Juventude e Consumo) do Programa de Pós Graduação da Faculdade ESPM. E-mail: claudiapferraz7@gmail.com

Abstract: This present research aims to reflecting the epistemological process that achieves the construction of knowledge, for social interactions mediated by online communication technologies. It will analyses the references of different theoretical perspectives, as movements that those methodologies require to inquire about new platforms of social / digital interactions by the multidimensional demands of meanings that emerged from there. To consider the increasing use of ethnographic tools to analyse digital sphere, this paper objective a reflection on the recent methodological paradigms, derived from the Anthropology developments and the investigative works to study the digital media as like object, field, data source, and research instruments.

Keywords: Ethnography. Digital ethnography. Anthropology. Anthropology of medias. Digital fieldwork.

Introdução: a etnografia em plataformas digitais e a reconfiguração da Antropologia

A Etnografia como método, quando associada ao campo on-line, tem sido reapropriada por muitas áreas que vão além da Antropologia. Fato que, para os defensores das premissas clássicas da etnografia vinculada ao método antropológico, pode corresponder para alguns, corromper a tradição metodológica no exercício etnográfico desenvolvido no campo da cultura analisada localizada em terra firme. No entanto, desprezar a condição digital no contexto da cultura contemporânea, a qual alastra-se em múltiplas esferas das relações sociais (se apresentando também como campo e/ou objeto de pesquisa) é ignorar o fenômeno social da nossa era e tornar perecíveis os métodos antropológicos tradicionais por supostamente não darem conta de explicar as culturas intoxicadas pelas tecnologias nas relações sociais e materiais. Na Antropologia clássica, os livros, informantes e percursos terrestres eram tidos como a condição para os contatos preliminares no início pesquisa, no entanto, na esfera atual das relações sociais em rede, são comumente substituídos por ícones em telas conectadas via on-line. Portanto, é a partir da entrada nos sites de busca e nas redes sociais onde se encontram as referências preliminares das diferentes temáticas do estudo, correspondendo ao lugar onde se inicia o emprego da etnografia. Não obstante a isso, ao considerar a Internet como portal de dados, podemos convergir sobre o caminho da proposta etnográfica tradicional de Mauss (1993, p. 5-7), que se denota na ação do etnógrafo em "observar e classificar os fenômenos sociais", pois as "diversas formas de olhar", agora em rede digital, de antemão proporcionam "o contato com um universo de possibilidades de estudos" em constante movimento. Em nossa análise etnográfica em redes digitais percebemos que extensão deste método para as práticas analíticas em rede não corrompe a Antropologia, ela reatualiza os fundamentos da etnografia pela possibilidade do encontro com uma série de dados, os quais isolados podem parecer insignificantes, mas que juntos, conforme Mauss inspira a pensar, seguem a "representação da concentração de uma série de princípios e valores". Este aspecto, demonstra a entrada ao campo como maneira preliminar para selecionar os dados, o que requer tanto para a sociedades antigas e tribais como para as contemporâneas e representadas em redes digitais, o princípio da observação da sociedade. Ou seja, pelo acesso à conexão on-line é possível a observação e o contato garantidos como base preliminar, na busca on-line como primeira fonte para a maioria dos objetos

de estudos. Desse modo, pela viabilidade da tecnologia, facilita-se os registros e recortes que podem ser salvos em pastas digitais para posteriores análises sobre as articulações, proporções e relações dos fatos sociais diagnosticados. Para este antropólogo, é na mudança das formas da ciência entender os fatos, e acrescenta-se aqui, nas convergências que os fatos podem fazer com as teorias aplicadas, onde se emerge o "valor de descobrimento" na etnografia. A atenção sobre as "dificuldades subjetivas nos estudos das culturas" em redes digitais, pode ainda, seguir certas advertências da Antropologia de Mauss, principalmente quando se atende "ao perigo da observação superficial". E o que ele dizia sobre a necessidade da catalogação e coleção de objetos tribais, agora podem dar lugar à busca por expressões publicadas em redes sociais, as quais são passíveis de se aproximar ou não das hipóteses que derivam dos objetos de estudo que emergem das recentes mídias. Mauss leva a pensar que, independente dos diferentes campo de pesquisas, em todos os casos de estudos etnográficos é preciso "diagnosticar as hipóteses inúteis", com a devida atenção à cada grupo estudado onde a prática de anotar e gravar as buscas realizadas compondo diferentes pastas e arquivos é garantia de desempenho organizacional de qualquer pesquisa. Conforme ele deixa claro, a qualidade metodológica desempenhada em qualquer campo está "em reconhecer e identificar os princípios significantes do objeto estudado" procedendo uma análise profunda que vai necessariamente de encontro com suas diferentes variáveis.

O deslocamento da Etnografia tradicional à Etnografia em plataformas digitais conflui ao texto *Computers in/and Anthropology – The Poetics and Politics of Digitization* (Fortun M; Fortun K e Marcus GE, 2017, p. 15) e nos leva a entender que o que visualizamos como movimentos histórico-epistêmicos são dados no direcionamento da Antropologia para reescrever os novos campos, para que, a partir das novas tecnologias digitais, possamos pensar sobre as novas lógicas e práticas de análises para interpretação de dados. Tais dados atendem a convergência às recentes teorias, as quais visam dar conta de rever os significados transcritos e redesenhados em plataformas digitais. As novas demandas digitais de interação social repercutem a necessidade de um trabalho qualitativo aos dados, que requer outras técnicas e protocolos culturais para as análises. A Antropologia atuante em plataformas digitais conta com diversos dispositivos para análises múltiplo-situadas pela disponibilidade de recursos de câmeras de vídeo e voz, por exemplo; e nos diversos modos de publicações em distintas mídias sociais.

As "novas luzes" sempre podem iluminar a Antropologia, e, fazendo alusão à Geertz (1999, p. 3-6) embora ele não pensasse o campo digital, ainda se faz valer suas premissas, principalmente, quando propõe a busca "incessante de contrastes para qualquer pista que estamos analisando". Assim, a visão dos dados sobre as questões fixadas, traz argumentos e as suas variações, que segundo o autor, tornam possível o diálogo da pesquisa com as "incertezas e nebulosidades em torno do objeto". Isso leva a pensar que a Antropologia, pelo ponto de vista do autor, emprega a etnografia para estudar as culturas, e este exercício pode ser empregado de diversas maneiras, porém o excesso de suas formas múltiplas, periga na perda da compreensão para o etnógrafo. Este fato gera um importante desafio para a construção das etnografias, e sua missão de potencializarem as explicações sobre as culturas e se "validarem como ciência". O que justifica a desconfiança dos antropólogos que seguem os preceitos tradicionais em relação aos trabalhos etnográficos em redes digitais.

Os excessos de informações e a grande superficialidade desta multiplicidade dos dados em rede exigem ainda mais a extensão do olhar da Antropologia e seus métodos tradicionais, do que a orientação por algumas propostas etnográficas encontradas recentemente no site de busca Google. Conforme será visto adiante, no método de etnografia de internet de Hime (2015), tão citada em trabalhos que envolvem pesquisas qualitativas na Internet, é possível verificar que ela mensiona, muitas vezes o trabalho de Geertz por exemplo. Porém é notável que não se aprofunda muito nesta, nem em outras teorias formuladas, pelos estudos etnográficos tradicionais. O que por consequência pode debilitar o sustento às análises das culturas de modo intenso, se restringindo mais aos estudos sobre as estruturas das redes de comunicação oriundas da internet, que sobre a cultura transposta às redes. Sua produção tampouco aprofunda a internet como campo de relações sociais, instrumento de escrita e/ou seu sentido como objeto e campo de pesquisa. Seu trabalho segue de maneira mais técnica e sem muita atenção à potência do estudo que busca a investigação em torno de todos os ângulos sociais da cultura online. O que leva a um distanciamento da reflexão necessária para o acesso a "aquisição do comportamento, super orgânico e que molda a nossa vida" conforme sucinta a pensar Geertz (1999, p. 7). O trabalho de campo que este autor traz também é capaz de se estender ao olhar que observa em campo digital, mesmo sem ter sido esta sua intensão. Gueertz leva a constatar que no desenvolvimento

da etnografia, existe a descoberta da complicação e do questionamento "sobre sinceridade/insinceridade; autenticidade/ hipocrisia e honestidade/auto ilusão", o que faz da experiência do etnógrafo legitimada para ser transposta ao ambiente on-line. Ainda segundo o autor, o desempenho da Antropologia se reflete na consciência sobre a falta de equilíbrio entre a capacidade de diagnosticar problemas e resolvê-los, fato que gera forte angústia e tensão moral entre a pesquisa e o objeto. Tal fato não perde seu sentido, quando o problema pode ser percebido no campo digital. Ao considerar que toda etnografia é um processo interpretativo, o contato e a interpretação do problema não correnspondém ao seu controle. Contudo, o fundamento central da interpretação, deve estar no intutuito de atuar em nome da amplitude da razão. O que faz das Ciencias Sociais, testemunhas da contrução da cultura, a qual estamos imersos pela tecnologia e os valores produzidos e reproduzidos socialemente, por ela.

Mesmo quando julgamos a falta do entrelaçamento explícito entre os referenciais clássicos da Antropologia como fundamentação para a etnografia, o trabalho de Hime, se faz essencial a este paper, não só por ela ser a precursora desta proposta, mas sim, na medida em que, aponta os deslocamentos dos campos que envolvem as tecnologias de comunicação on-line, bem como as adaptações do método para estudos culturais em mídias sociais.

Da Etnografia Virtual a Etnografia em Rede Social

Nesta etapa, o presente estudo aborda brevemente o percurso das metodologias de investigação científicas sobre a tecnologia das comunicações on-line como plataformas para estudos de análises etnográficas. Um campo de pesquisa que, desde o final dos anos 90, vem se desenvolvendo como base investigativa, simultaneamente ao desenvolvimento dos avanços tecnológicos da internet em mídias móveis. Tal fato pode ser demonstrado pelo emprego da "ciber etnografia" como método de análise em duas comunidades virtuais. A pesquisa de Ward (1999, p. 1-2) foi selecionada para buscar entender como se pensava as comunidades online convergindo a condição física com a virtual, no que a autora do texto chamou de "hibridização" (destas duas esferas). Isso aponta de maneira específica o marco das relações sociais on-line na contemporaneidade ocorrendo fundamentalmente a partir da emergência das mídias móveis e das redes sociais

digitais. Tal perspectiva se apresenta em oposição à comum idealização da internet que se fazia no final do século XX, quando a utopia virtual, conforme relembra a autora, foi intensa, tendo a visão da cibercultura sobre o espaço virtual, enquanto um portal qualitativamente superior de experiências de sociabilidade. Essa representação quase divina da tecnologia em rede de comunicação não correspondeu às expectativas da época, as quais prevalecia o ideal de que as relações digitais ultrapassariam as noções de gêneros, os limites "das idades e das identidades étnicas", conforme o olhar utópico, que a era pré mídias móveis com internet dispunha. Mesmo antes da emergência de redes sociais como Facebook e Twitter, Ward neste estudo, já defendia o emprego da *ciber ethnography* como o método mais apropriado para visualizar a escala global das plataformas digitais, oferecendo ao observador uma postura objetiva para o conhecimento dos fenômenos sociais em redes digitais.

A partir da primeira edição da obra de Hine (2004, p. 2-15), intitulada "Etnografia Virtual" e do trabalho de Kozinetz (2014) com seu guia teórico sobre etnografia on-line denominado "Netnografia", observa-se que foram empreendidas diversas nomenclaturas para a distinção dos termos de adjetivação metodológica nos estudos de interações sociais on-line. Desse modo, as investigações de abordagens etnográficas na internet eram e ainda são comumente chamadas de netnografia, etnografia virtual, webnografia, etnografia digital, etnografia em mídias sociais ou etnografia on-line. O que inspira a pensar um processo de apropriação da Etnografia por outras áreas de estudos que extrapolam a Antropologia.

Quanto aos deslocamentos dos fenômenos sociais que relacionam a sociedade e a tecnologia, torna-se pertinente a provocação da noção levantada por Winner (1983, p. 1) quando destacou as "qualidades políticas dos artefatos técnicos". Mediante esta perspectiva, ele explica que as máquinas, "estruturas e sistemas" são acertadamente avaliados não apenas por sua atuação em nome da produtividade e consequências ambientais, pois, para além disso, encarnam algumas formas de "poder e autoridade específicas". Tal fato é imprescindível para entender as direções dos significados conceituais sobre as tecnologias de comunicação, mediante os fluxos das políticas modernas. Mackenzie e Wajcman (1999, p.6) elevam a qualidade desta noção, quando constatam que a tecnologia é moldada pelo social. Ou seja, a tecnologia se apresenta enquanto uma ciência aplicada para cobrir utilidades que reagem às esferas econômicas e políticas, assim como culturais e técnicas.

Um exemplo deste prognóstico são os diferentes aplicativos disponíveis atualmente em mídias móveis e a capacidade de controle e monitoramento de dados pessoais, que se desenvolvem em conjunto com a interação on-line, dando origem aos desdobramentos dos fenômenos sociais que derivaram do ciberespaço. Mais que um campo de interação social, as mídias em rede on-line produzem e reproduzem comportamentos, valores e preceitos do controle desempenhado pela cultura a que estão submetidas. Em virtude dos deslocamentos possíveis da hibridização entre tecnologia on-line e corpo, a saber, da utopia da cibercultura aos desdobramentos do ciberespaço para uma forma de sociabilidade superior à mundana, atinge-se agora, uma visão mais distópica, dadas as qualidades presenciais estarem transpostas às telas pelas redes sociais. Tal fato, faz por exigir da metodologia a adaptação à distintas subjetividades sócio-digitais, para releituras histórico-epistemológicas, a fim de tornar hábil o estudo sobre outras plataformas e aparatos, com seus efeitos e poderes sendo exercidos além do campo digital, associando, assim, outros significados e representações.

Para a busca de compreensão sobre os movimentos etnográficos nas redes sociais nos apegamos a princípio no trabalho de Christine Hine (2004) sobre a "etnografia virtual" e as premissas da base analítica que acompanharam o desenvolvimento das tecnologias de comunicação em rede, para desembocar em seu recente trabalho, o qual discorre sobre a "etnografia da Internet" (2015). Percebe-se que no decorrer de sua obra ela vai abandonando a terminologia "virtual" mesmo que antes empregava na nominação de seu estudo. O abandono do termo veio por compreender a condição material da conexão on-line em mídias móveis. Mesmo sendo destacada como uma das precursoras dos estudos metodológicos para internet, seus apontamentos metodológicos surgem depois que Latour (2012, p. 44) sugeriu pensar a emergência de uma "teoria do ator rede" para os estudos da sociais da tecnologia. Enquanto Hime se focava em estruturas separadas entre a atividade em rede e a vida off-line; Latour, bem antes das tecnologias de mídias móveis adquirirem esta totalidade na comunicação recente, propunha perceber os significados entre os elos hibridizados que existem entre os humanos e as tecnologias. A teia relacional conectando de modo a gerar a constante continuidade de associações possíveis. Segundo seus preceitos, aos pesquisadores das relações sociais mediadas pela tecnologia, cabe deixarem os atores desempenharem seus papeis sem interferência no contexto, onde cabe à eles

explicarem como se estabelecem neste sistema de relações misturadas ou híbridas. Por isso, o observação oculta em mídias sociais é uma tecnica capaz de coletar dados da cultura (on-line e off-line), no ambiente digital.

O trabalho de Christine Hine, precursor nos estudos etnográficos do campo da internet, deriva seu conhecimento do campo das ciências biológicas. E, ao atrelar os estudos de informática com as ciências naturais, ela deu continuidade aos seus trabalhos acadêmicos, elaborando os modelos investigativos com referências sociológicas e tratando, dessa maneira, especificidades do conhecimento que envolvem as ciências, as recentes mídias, a tecnologia e o mundo digital. Desde o princípio, sua abordagem reconhece a extrema importância da etnografia tradicional, uma vez que ela envolve se entregar a uma intensa fase de familiarização e exploração do campo a ser investigado. Tal preceito é fundamental para começar a elaborar perguntas e formular os questionamentos que irão sustentar as direções da pesquisa. Ela reconhece que é a partir disso que se faz hábil a imersão no meio digital e o exercício de explorar os fenômenos investigados por diversos aspectos, aprimorando a aptidão de olhar os diferentes lados de modo a compreender os significados e as fundamentações destas vivências sociais proporcionadas pelas redes em conexão digital. Diante disso, Hine alega a emergência das ideias que iluminarão as perguntas apropriadamente, e é neste alinhamento que se desenvolve os questionamentos para a noção sobre o fenômeno que se almeja explorar. Ou seja, para ela as perguntas devem preceder o campo para orientar o trabalho e não emergir da experiência em campo.

Não obstante a isso, a autora aponta outro aspecto que se compreende como indispensável à potência da reflexão, quando ela reconhece a diversidade dos fenômenos digitais e suas diversas plataformas como múltiplos símbolos com temporalidades complexas e datadas. Desse modo, se dá a compreensão dos fenômenos digitais e a possibilidade destes serem compreendidos em suas próprias experiências, sendo que, de modo autêntico, se busca a construção de uma etnografia reflexiva sobre os caminhos efetivados na construção do conhecimento. Este trabalho, como exemplo de um dos primeiros estudos no campo on-line, centra sua investigação nos diferentes *websites*, em que o exercício de etnografia é ativamente desenvolvido nas análises textuais interpretativas dos fenômenos que deles emergem. Tal procedimento resulta na necessidade de reconhecimento de formas de explorações e empregos de diferentes maneiras de observação, a partir

das especificidades dos sites analisados, onde as diferentes escolhas de fontes e amostras geram, por consequência, diferentes resultados.

Os estudos metodológicos no ambiente digital que datavam do começo deste século, assim como, os primeiros estudos de Hine, traziam o conceito de rede na internet como um desempenho que habilita usuários a construir tipos específicos de costumes e atuações, fomentando, assim, uma esfera comum e determinada de ser e funcionar. E, seguindo os idealismos utópicos que caracterizaram os primeiros olhares em torno do que era antes, mais conhecido como o ciberespaço, a internet aspirava ser reconhecida como uma tecnologia que viria a superar ao menos no imaginário, as dualidades presentes entre real e virtual, natureza e cultura e verdade e ficção. Mesmo expandindo a até então aceita e reconhecida conceituação da internet enquanto um artefato com potências, a autora não direciona o olhar à conexão de modo abrangente na qualidade ao campo das novas práticas culturais pelo aparato tecnológico incorporado no dia a dia dos atores sociais/digitais. Mas ainda sim, demonstra que a internet se apresenta como um objeto de estudo passível de ser analisado por diversos prismas, permitindo a produção de teoria reflexiva aos pontos centrados pelos estudos etnográficos. Isso possibilita que as tecnologias digitais possam ser pensadas contextualmente em torno dos nexos culturais e suas apropriações.

A visão de Hine (2008, p. 81) indicava que a interatividade e as múltiplas conexões podem ser asseguradas pela presença de grupos sociais na internet, constituindo a oportunidade de produzir pesquisas etnográficas, na medida em que demonstram o potencial de “alto grau de flexibilidade interpretativa”. Tal fato inspirou a pensar o contexto das práticas sociais em rede de conexão on-line como uma conjunção cultural, a qual dá abertura ao debate, onde a autora se posiciona na ideia das disparidades da atuação social/digital entre as esferas on-line e off-line.

Sob este ponto de vista sua análise se faz bastante questionável, principalmente quando o advento das mídias móveis se tornou uma condição marcante das tecnologias da comunicação on-line, numa maneira de hibridização entre a tecnologia e a atuação social. Hine parecia recusar o que o artigo de Ward (1999) já defendia: a hibridização da condição presencial com a digital, pois ela tratava as esferas on-line e off-line como duas dimensões que andam lado a lado, mas separadas. Esta recusa se coloca em detrimento à apropriação da esfera digital

e sua incorporação na atuação do cotidiano, aniquilando outras possibilidades de análises, as quais, atualmente, se fazem imprescindíveis para a qualidade da etnografia no campo social/digital, pois atendem ao conceito de hibridização entre corpo/tecnologia; presença e co-presença (multi) situada em redes sociais. Posteriormente, em seus últimos estudos a autora vai reparar, e atualizar seu método, conforme este trabalho irá mostrar. Isso porque a contemporaneidade não consegue mais desconectar a rede digital do contexto cultural contemporâneo, o que exige a reavaliação da aplicação dos métodos de pesquisa e de coleta de dados, devido aos desdobramentos das novas configurações das mídias digitais. Dessa maneira, diversas metodologias qualitativas exigem reavaliação constante, incluindo a metodologia que guia as entrevistas, os grupos focais e o funcionamento das diferentes plataformas em que se desenvolvem as sociabilidades digitais.

A partir disso, o que demarca a relevância da etnografia virtual desenvolvida neste trabalho de Hine (2008, p. 17) é a pesquisa no ambiente virtual acentuando a percepção de como as tecnologias da comunicação on-line são capazes de reelaborar e reestruturar os atores sociais e a produção de cultura no ciberespaço. Por esta perspectiva, o objetivo da etnografia virtual seria “a compreensão das possibilidades da internet e a implicação de seus usos”.

Uma das críticas mais direitas a esta obra de Hine foi elaborada por Boyd (2008, p. 26-32) onde em resposta a esta “etnografia virtual” constatou a limitação deste trabalho, quando tal metodologia foi incapaz de acompanhar o surgimento daquelas que, naquele momento, eram as recentes mídias sociais, como o MySpace, os blogs, fotologs e outros dispositivos, os quais os atores sociais e as comunidades on-line, segundo esta pesquisadora, passaram a relacionar com valores egocêntricos e narcísicos ao vincularem a si mesmos nas redes, fato que leva a exigir a emergência de outros pressupostos de análise. O princípio da direção de sua crítica é a necessidade de Hine orientar sua metodologia, onde o primeiro passo era se familiarizar com a estrutura da tecnologia da internet como um aparato técnico e fora do sistema de relações, práticas e costumes. Boyde justifica sua crítica na leitura de Geertz (1973), autor também citado por Hine, onde sob o ponto de vista dele, considera que a etnografia virtual, assim como a tradicional, requer entrar em campo para observar, documentar e, a partir disso, passar a formular as perguntas direcionadoras da execução das análises. E não ao contrário, pois é no exercício de observação participativa (mesmo que oculta)

que se realiza a coleta dos dados da cultura a delimitada nas recentes mídias. Posteriormente, através deste processo, se passa a provocar as hipóteses, na medida em que o repertório analítico se desenvolve impulsionando novas questões.

Quando Hine (2004, p. 6) defende focar nas "fronteiras aparentes e incursões experimentais", é possível perceber que já não se faz eficaz este olhar sobre a realidade das tecnologias da comunicação, pois a condição online em tecnologias de mídias móveis dissolveu as fronteiras entre online e off-line. As incursões passaram a ser carregadas de dados e, mais do que ela chama de "experimentais", elas costumam ser habituais. Cabe apontar que essencialmente são as interpretações legíveis no percurso da cultura analisada que garantem a fundamentação do desempenho do projeto de pesquisa. Portanto, todo caminho etnográfico deve reconhecer as perguntas que derivam do foco coletivo da cultura, compreendidas por meio das análises dos dados e da teoria. A alusão que ela traz às referências da etnografia tradicional reproduz o método que ainda se faz bastante sentido, principalmente quando leva a pensar sobre a necessidade de questionar e julgar todos os dados e observações em caráter reflexivo, atentando-se sempre aos possíveis preconceitos e limitações do pesquisador.

Constata-se, então, que o desenvolvimento das tecnologias da comunicação resultou na proliferação das plataformas dos espaços sociais. Tal fato exige a adaptação dos métodos de investigação nas Ciências Sociais a fim de permitir análises fieis dos movimentos e das atuações da cultura estudada nas redes sociais. Tais metodologias e métodos podem acompanhar múltiplas engenharias para coleta de dados partindo da tecnologia como mediação e visualização das novas configurações que constantemente se formam, como, por exemplo, o software de visualização da rede no Facebook, Gephi, formando grafos sobre os graus de interação entre usuários. É diante da necessidade de atualização do método, onde se pode dar conta dos estudos sobre as novas configurações tecnológicas que envolvem a cultura contemporânea, desse modo, que Hine desenvolve adaptações em suas novas produções.

Portanto, os outros pressupostos da sociabilidade online em mídias móveis, levam ao método, estratégias que Hine (2015, p. 57 - 66 -71) passa a chamar *de embedded, embodied, everyday Internet*; ou seja, "incorporar e encarnar a Internet" cotidianamente. Novas direções etnográficas são apontadas para outros estudos que, para além do dela, pretendem dar conta das experiências na internet

em mídias móveis, mediados pelos *smartphones* e *tablets*, por exemplo. Entre outros mecanismos relevantes do acesso às comunidades de internet estão as páginas e comunidades do Facebook, por isso a autora defende que a etnografia de internet deve ter a capacidade de observar os fenômenos em sua efetividade, a partir da "participação" em grupos com os demais usuários das redes. Tal processo tende a ativar diversas plataformas e, em certos casos, garante verdadeiros portais de acesso aos processos que são mais formalizados no exercício da pesquisa. Este fato pode ser exemplificado pela pesquisa no Facebook, onde se inicia a partir da atuação de uma página pessoal na rede, o que por outro lado, segundo ela, implica em atentar a certos elementos que compõem a exposição e a atuação do pesquisador na rede. Cabe, pois, ao etnógrafo, saber elaborar na rede o que Goffman (2003) chamaria de "construção da fachada", a fim de compor os símbolos que irão constituir a identidade do pesquisador. Adverte, desse modo, para o cuidado em adicionar amigos, compartilhar fotos e opiniões que possam comprometer a formalidade do pesquisador on-line. Então, propõe a necessidade de uma auto-etnografia, a acompanhar os passos da análise e refletir sobre a própria conduta enquanto pesquisador. Seu trabalho destaca um cuidado especial na construção da identidade do ator/pesquisador on-line no Facebook e também em outras redes sociais como Twitter e WhatsApp. Isso leva a pensar que elementos do *status* pessoal podem conduzir as respostas em entrevistas on-line, mediante a condução inconsciente que pode induzir respostas inspiradas no perfil do entrevistador, trazendo informações distantes das que seriam correspondentes às próprias realidades dos entrevistados. Quanto a isso, ela destaca a forte possibilidade do etnógrafo exercer grande poder de influência sobre o informante, devido à abertura de dados pelas informações pessoais. Ainda pela visão de Hine, considera-se uma vantagem o diálogo entre diferentes plataformas de redes sociais, já que possibilitam a checagem dos dados dos entrevistados e uma mútua interação entre os atores em rede, o que leva a se perder muitas vezes nas fronteiras entre a etnografia e o uso pessoal da rede, exigindo uma necessária atenção para separar a atuação como usuário e a atuação como etnógrafo.

Dessa maneira, leva-se a entender o Facebook como uma grande fonte de dados brutos, em função de ser um projetor das atividades pessoais visíveis publicamente a todos os usuários da rede, recurso que Hine destaca como propício à aproximação para comunicação com os participantes dos grupos on-

line estudados e um facilitador de longitudes. Além de ser um primeiro passo para abordagem que visa a entrevista face a face, é o campo necessário para dar início ao engajamento do pesquisador em se aproximar de seu objeto de estudo. A formalidade do etnógrafo é bastante defendida em sua obra, isso é nítido quando ela destaca a diferença que se deve considerar entre uma conversa formal e uma entrevista on-line. Detalhes como a postura de apresentação do etnógrafo e o domínio da abordagem verbal técnica usadas são reconhecidos por ela como bastante importantes.

Por outro lado, ela parece não reconhecer a habilidade necessária do etnógrafo para saber dialogar com as diferentes culturas, as quais podem não entender e não se predispor a se comunicar com um pesquisador que seja demasiadamente técnico e formal ou que tenha posicionamentos políticos e ideologias distintas das ideologias do pesquisador. Quando ela destaca a vantagem da rede social em comparação ao e-mail, parece não reconhecer as possibilidades de perfis falsos que interagem em diversas redes sociais e as polarizações políticas que tornam certos usuários, inimigo uns dos outros, quando ideologicamente contrariados.

Ao decorrer do texto, ela justifica este citado trabalho (Hine, 2015) como continuação daquele, introduzido no começo desta presente análise (Hine, 2004). Mas faz questão de enfatizar que dispensou o termo "virtual" em virtude de compreender que ele não coopera no entendimento das múltiplas plataformas que a história da internet oferece, tanto na prática como no suporte e no campo de pesquisa. Entende, dessa maneira, que as experiências no ambiente on-line devem ser consideradas como concretas e reais, representando os modelos contemporâneos de vida, o que faz do conceito sobre a palavra virtual, representar um "epíteto", algo fora de moda, por não ser mais capaz de dar conta de abranger as recentes demandas do comportamento com suas interações tecnológicas em conexão.

Através dos movimentos da produção de Hine, entendemos que as chaves que abrem a compreensão das tecnologias da comunicação estão na adaptação das técnicas metodológicas que se dão pela aproximação integral ao campo de estudo, explorando-o para entender como as atividades se dão em redes sociais e quais os sentidos e símbolos que fazem os usuários se engajarem em certas páginas, grupos ou comunidades on-line de modo a ir reconhecendo, desse modo, a fluidez do campo em conexão on-line, baseado em um ambiente de grande potência para

emergência de construções que refletem fortes aspectos de nossa cultura ocidental e de mercado. Este exercício na prática da pesquisa consegue olhar as diferentes escalas de análises para os diferentes tópicos, onde vão se manifestando entre as instâncias on-line e off-line. Cabe apontar, que por mais que Hine rejeite o conceito de virtual, ela ainda separa o fato de estar conectado ou não, distante da hibridização que Ward (1999) conseguiu visualizar antes deste presente século. Para Hime, é sob os critérios separados de conexão que o desempenho da pesquisa interage, de modo a intercalá-los.

No entanto, pontos de seu trabalho são bastante relevantes, principalmente quando propõem olhar o ambiente on-line, apresentando uma série de mecanismos múltiplos e distintos, os quais vão gerando quadros de atividades, símbolos e significados, em que diferentes visualizações se movem para observar e dar conta de todos os dispositivos dispostos no campo. Assim, ela reconhece a vulnerabilidade das descontinuidades das conexões, já que a finitude de grupos, imagens ou mensagens depende de um *click* dos administradores ou possíveis sabotadores de páginas pessoais. Hine considera, a partir disso, as diversas formas de discursos que exploram as conexões e desconexões que circundam as políticas e as práticas inseridas nas redes digitais, levando a entender que os diferentes tópicos exigem distintos arquivamentos, separando os dados brutos em categorias de relevâncias, sempre dialogando com as condições em que foram colhidos os dados e interrogando como eles podem reagir quando atualizados e/ou cruzados.

O constante desenvolvimento de plataformas que derivam da conexão on-line supõe a necessidade de diversificar as práticas de estudos em grupos digitais e pensar sobre a internet. A obra da autora leva a pensar que a prospecção da compreensão de realidades singulares, partem do princípio de incerteza, onde se faz imprescindível ter responsabilidade com associações, agências e agendas, para buscar a autenticidade na construção do conhecimento, demonstrando consciência em toda extensão do trabalho, a fim de criar um caminho etnográfico criativo e que possa ser aplicável.

A Etnografia On-line e em Mídias Móveis para Estudos Qualitativos

Posteriormente ao trabalho de Hine outras análises são readaptadas pelas referências antropológicas. Um exemplo marcante da adaptação da Antropologia tradicional para a esfera on-line é o trabalho de Skågeby (2013, p. 410-424 tradução nossa), quando defende que este processo possui procedimentos bastante

cabíveis para a esfera digital, porém destaca que é extremamente necessária, antecipadamente, a compreensão da etnografia tradicional. Para ele, cada fenômeno social a ser analisado exige um olhar diferente e, consequentemente, diferentes passos e estratégias de coleta e análises de dados. Por tal razão, contextualizar é imprescindível para elaborar as conexões entre as regras da prática de análise que estão sendo empregadas e o fenômeno estudado, enquanto certifica-se sobre a veracidade das interpretações realizadas testando as hipóteses e colocando-as à prova.

Sua proposta de etnografia online para análises qualitativas pressupõe a necessidade de certas perguntas que devem ser feitas para si mesmo como etnógrafo, que fazem indagar as seguintes questões:

a) Qual fenômeno podemos visualizar e mapear no campo digital?
b) Quais caminhos possíveis para delimitar o problema e categorizar os dados?
c) Qual experiência que o pesquisador tem na área do problema?
d) Quais valores se relacionam ao problema quando se analisa o fenômeno?

A pertinência destas perguntas, para ele, correspondem ao suporte da pesquisa, quando pensadas de maneira honesta e detalhada.

Para este autor, o início da pesquisa se dá logo ao ingressar no grupo social on-line, e a partir deste momento, a interpretação dos dados já pode ser iniciada. Skågeby apresenta três conceitos como procedimentos comuns de coletas de dados na prática etnográfica digital, a saber:

a) Coleta de dados – Consiste no portal onde os dados devem ser observados e coletados. Geralmente são assíncronos dos gêneros da comunicação, como por exemplo os fóruns de bate papo, as listas de e-mails, sites de busca, os blogs e caixas de comentários em redes sociais. Destes dados armazenados seguem os registros em produções textuais.
b) Observação on-line – É o primeiro exercício para a coleta de dados, e se dá sob diferentes técnicas, tais como ingressar e observar os grupos de discussões, os arquivos compartilhados, as mensagens publicadas, os perfis de membros das comunidades e páginas estudadas e procurar destacar as diversas manifestações sociais que emergem deste campo.

A combinação das fontes de dados disponíveis nas diferentes plataformas de redes sociais e/ou de busca, é ideal, segundo o autor, para o trabalho dos cientistas que pretendem investigar a atuação dos atores sociais nas diferentes atividades sociais da internet.

c) Entrevistas on-line – No campo on-line as entrevistas podem ser sincronizadas ou não. Isso quer dizer que, quando sincronizadas, são feitas em tempo real com câmeras ou com mensagens escritas instantâneas. Cabe acrescentar que a câmera e o áudio garantem a veracidade do entrevistado e trazem outros elementos sobre a atuação e comportamento do ator social em rede, os quais também podem ser de dados passíveis de análise. Quando não sincronizadas, as entrevistas são as enviadas por e-mail e, no caso, as menos indicadas, pois o tempo do entrevistado para responder pode não ser tão urgente quanto o tempo do pesquisador para desenvolver a sua pesquisa.

Skågeby elenca os tipos de observações que podem ser empregadas na pesquisa qualitativa da rede:

a) Observação aberta - onde o pesquisador é participante, integrante e atua ativamente em diálogo e debate com membros da rede estudada.
b) Observação parcialmente aberta - neste caso, o observador participa da comunidade ou página, mas só se comunica formalmente com os membros e sempre em relação à pesquisa, sem abandonar o papel de pesquisador.
c) Observação oculta - O pesquisador é integrante da comunidade, mas não se manifesta, lendo ocultamente os fenômenos sociais que vão se desenrolando nas redes sociais.

O comportamento do pesquisador, na visão deste autor é trabalhado destacando a necessidade da ética para atuação na rede digital. Enquanto Hine (2008) preza pela postura formal e cuidadosa na atuação em rede, Skågeby usa o termo *netqueta*, pelo qual a apresentação da identidade, o anonimato ou pseudo-anonimato, são condições de todos os atores envolvidos na pesquisa, inclusive do pesquisador em várias esferas de seu trabalho no campo online.

Por tal leitura, a importância do campo on-line está no hábito das anotações e gravações de publicações em páginas das redes digitais, porém os dados deste campo tendem a ser transcritos, traduzidos e explicados como produção textual.

As categorias típicas de dados na rede em diferentes mídias em conexão podem ser gravados e analisados, a partir de práticas de observação implícitas, analisando as relações estruturais por traz dos significados tácitos em dados explícitos digitalmente. Cabe acrescentar que as anotações de todo processo em pastas digitais e cadernos de campo à mão são práticas de registro de pesquisa, que dão sustentação, estruturam e sistematizam os caminhos que a pesquisa percorreu, como caminhou e o que tem ainda a caminhar para o alcance do objetivo de pesquisa. Assim como já mencionado pela etnografia clássica, ou em releituras etnográficas recentes, este processo consiste em escrever a cultura e isso depende de diversos procedimentos que devem ser registrados constantemente em diários de campo, seja on-line ou off-line.

Quando consideramos o fato da a população on-line se apresentar sempre de forma heterogênea para os pesquisadores, o autor alega que, necessariamente, se levantam questões sobre a validade e confiabilidade de certos dados. Haja vista que pode haver, por exemplo, identidades forjadas ou mesmo atores potencialmente tímidos para responder ao pesquisador. Ou seja, não são apenas os usuários diferentes, mas também as tecnologias específicas utilizadas para se comunicar podem ser bastante diversificadas e, consequentemente, influenciar toda a configuração sócio-técnica da pesquisa.

Outro aspecto importante sobre a prática da pesquisa qualitativa em rede on-line que este método aponta, é a necessidade de entrosamento com o objeto, da mesma forma que com qualquer outro objeto ou campo estudado. Para este domínio do objeto, o processo etnográfico deve abarcar em vários sentidos, para as descrições, reflexões e interpretação das histórias dos participantes das redes sociais, sempre dentro de uma perspectiva objetiva. Skågeby (2013) propõem, que, para além de observar o objeto em a associação convergente às análises teóricas, o processo etnográfico deve acompanhar o exercício de reflexão e auto reflexão constantes. O que tende a construir o conhecimento sobre o campo, o objeto, o problema que parte do objeto e de toda a prática dispensada para construção da etnografia.

Ou seja, ele afirma deste modo que, como pesquisadores, devemos ter conhecimento de como estruturamos a nossa própria pesquisa, como conhecemos nosso objeto e suas relações com os demais atores sociais no campo digital analisado. Isto dentro de um processo que não é simples e nem isento de complicações entre a

pesquisa e a posição de simples usuário da internet. A problematização da cultura mundana iluminada em telas digitais pode demonstrar o poder nos valores sociais e institucionais da política brasileira, estes referenciais de poder ainda estão subjetivados, pela exposição dos valores sociais oriundos no modo de pensar e atuar socialmente em mídias reverberando diversas formas de manipulação e violência, o que Teré (2013) chamou de "*the dark side of digital politics*". Isso coloca a pensar que, para adaptação da Antropologia, sugerida por Geertz (2000, p. 192), o ponto da reflexão é proveniente da "aflição" e do "desejo" de compreensão dos jogos de poder, por isso, a Etnografia em plataformas multi-digitais não tem como ser um instrumento de pesquisa que parte do princípio da neutralidade.

A condição da totalidade do acesso às tecnologias da comunicação online, exige da Antropologia reconhecer o posicionamento de Latour (1994, p. 54-91) quando diz que "somos todos nativos", o que demanda por um "modelo de descrição do mundo" nos coletivos sociais que se formam de maneira híbrida em quase humanos e "quase objetos" – neste sentido injustiçados, explorados, inadequados, "invisíveis e impensados" pela cultura de mercado, viram dispositivos do foco do trabalho de mediação na redes. O que faz sentido, quando a constituição social contemporânea continua a intensificar a distinção entre os reconhecidos como humanos e os sem valor de humanidade. Legitimando dessa forma, a capacidade da descrição antropológica ser, segundo ele, uma ciência "que ultrapassa a sociologia do conhecimento".

A Etnografia em mídias móveis dispõem de múltiplas formas para conhecimento e exploração, apresentando uma diversidade ontológica de análises pela aplicação dos referenciais etnográficos adaptados metodologicamente aos campos on-line. O trabalho etnográfico em mídias móveis, *Mobile Media Matters: The Ethnography and Phenomenology of Itinerant Interfaces* (Richardson e Keogh, 2017, p. 212,216,218 tradução nossa) atende a uma "fenomenologia de interfaces itinerantes reconhecidas mediante ao senso de percepção e materialidade imbricadas digitalmente"; articuladas a lugares e identidades que se comunicam de maneira multidimensional em redes sociais digitais. As autoras marcam a relação entre corpo e tecnologia ligando o individual, o coletivo; o social e o cultural em diversificados contextos sociais, em que é possível ter várias maneiras de estar com os outros, estando nas mídias, mesmo sem sair de casa, disponibilizando assim, uma infinidade de coleções de dados para a pesquisa etnográfica. A etnografia

fenomenológica destas pesquisadoras, trata das micro-práticas online, denotando a experiência social mediada por telas *touchscreen,* passível de ser interpretada como outra maneira de ser e estar no mundo. Os telefones com mídias móveis são considerados o último passo significante após a mídia cinematográfica, televisiva e o computador, formando assim, uma ontologia destas esferas, as quais relacionam o corpo e a tecnologia no processo de mediação. Para Hjorth e Pink (2014, p. 40,43), o uso das câmeras dos telefones com mídias móveis traz novas formas de mapeamento do lugar para além da geografia em que se adicionam dispositivos emocionais, psicológicos e estéticos dimensionando o senso de lugar. Pelas colocações das autoras, as câmeras em mídias móveis demonstram a importância da sociabilidade em "co-presença" no lugar digital pela capacidade de aumentar o conhecimento sobre as culturas e sociedades contemporâneas dados seus movimentos registrados e publicados pelos telefones com mídias móveis entre as demais experiências visualizadas. Elas destacam as câmeras de fotografias e vídeos dos celulares como instrumentos de registro e de transporte de dados, ou seja, a conceituação de espaço digitalizado pelas trilhas registradas formando a trajetória, que pela viagem digital vai tecendo o caminho entre a paisagem física e digital. Tal trajetória que entrelaça realidade on-line e off-line através dos movimentos de representações registradas, compõem mapas digitais entre redes sociais formando um universo passível de ser digitalmente mapeado pelas representações fotográficas, as quais podem ser observadas em aplicativos como Instagram, por exemplo. Funcionam também como "locativos" da comunicação social e visual em movimentos móveis entre seus próprios ambientes e os ambientes dos outros. A partir disso, se faz importante notar, que o telefone celular demanda um trabalho etnográfico pela trajetória das metodologias de estudos das culturas digitais pelas Ciências Sociais, dada a condição hibridizada das mídias móveis ao corpo, garantindo as novas sociabilidades. As mídias podem ser objetos, campos e instrumentos de pesquisa, assim como, os demais dispositivos tecnológicos de comunicação digital, nas no caso dos celulares inteligentes interligam as capacidades de visualização, movimento, espacialidades distintas, conectividade, percepções sensoriais e a "datafìcação" das relações comunicacionais. Por isso, a etnografia em mídias móveis não tende a utilizar apenas um dispositivo de mídia, e sim possibilidades de ação, observação desenvolvendo uma demanda de práticas de análises vindo a formar a base do estudo etnográfico (GOMES Cruz. E., 2017, p. 86,87)

Considerações Finais

Os estudos científicos sobre os efeitos das tecnologias da comunicação na sociedade, mediados pelas etnografia em redes sociais, podem ser considerados como a continuação dos estudos de mídias, em convergência a este aspecto (Horst; Hjorth e Tacchi, 2012.). Neste sentido se destaca a importância da etnografia e dos estudos Antropológicos nas análises críticas das mais recentes mídias. O texto *Rethinking Ethnography an Introduction* (Repensando a Etnografia – uma introdução) expõe a etnografia on-line como uma extensão da etnografia de mídias, uma vez que o universo digital compõe a nova mídia símbolo da atual contemporaneidade. Neste sentido, apontamos para ao presente estudo, uma etnografia desenvolvida em torno da cultura nas mídias digitais com o papel reflexivo da Antropologia, sugerindo então, uma análise que embarque as questões das práticas desenvolvidas através das mídias para o estudo político-cultural dos ambientes de sociabilidades on-line, como uma potência da expansão dos estudos antropológicos e sociológicos.

Notamos que o campo das mídias para estudos culturais e sociológicos acontece desde os anos 80, quando a Antropologia e Sociologia começam a focar no ambiente privado e nos costumes da cultura de classe média ocidental, em suas mais variadas formas e contextos. Dessa forma, se passou a ser impossível para a Antropologia ignorar a estrutura da vida cotidiana nas relações sociais imersas nos contextos da conexão on-line, já que isto dinamiza um novo contexto de atuação da realidade. Atualmente, a etnografia das mídias digitais movimenta-se sob novas direções atualizadas, viabilizando o estudo da mídia digital como fruto da tecnologia. Portanto, se introduziram novas plataformas e dispositivos que levaram a um alargamento da necessidade de compreensão da cultura dos algoritmos como novas fontes de dados, relações comunicacionais tecnológicas e interação social.

Neste presente estudo verificamos que a possibilidade de conexão on-line, muitas vezes, dissolve os limites entre a vida pessoal de usuário das redes sociais e seu papel de investigador, ou seja, quando o campo on-line é ativo em tempo integral para coleta de dados, há também a constante interferência da vida pessoal em relação ao contexto analisado. Não obstante a dificuldade de separação entre os dispositivos pessoais e de pesquisa, vimos necessária a demanda de esforços para se estabelecer um limite na coleta de dados, pois o exercício de etnografia on-line

pode ficar "sem fim". Isso, em função das inúmeras extensões analíticas possíveis pelas expressões constantes de grupos de usuários que rolam nas telas conectadas em redes. Neste caso, Sheppard (2011, p. 50) sugeriu que fossem observados sob domínio da Antropologia das mídias sociais, de modo a garantir a fundamentação devida de dados político-culturais em forma de algoritmos, no campo digital .

Ao verificar que o processo etnográfico é multidisciplinar e acontece desde as primeiras pesquisas preliminares, a pesquisa se aproximamou de Latour (2012, p.198) quando demonstra, por sua teoria do "Ator-Rede", que tudo são dados, atentando assim, para necessidade em se "tecer redes de atores", a permitir o estabelecimento de uma gama de combinações e operações no exercício da reflexão. Neste aspecto, comprovamos a impossibilidade do desenvolvimento da modalidade digital da etnografia séria e consistente, a falta das devidas convergências e associações com as teorias aplicadas aos estudos científicos e seus desdobramentos nas análises político-culturais nos campos da redes digitais.

A observação dos movimentos histórico-epistêmicos no campo da internet, nos levou a entender como fundamental, o engajamento das Ciências Sociais nas reflexões sobre as recentes etnografias em mídias sociais online, a fim de refletir os diferenciados problemas que derivam dos mecanismos de interação social das redes, e a adequação do método para levantar os pressupostos sócio-políticos que emergem da instrumentalização das mídias sociais para diferentes finalidades sócio-políticas. Portanto, esta presente análise, se desenvolveu considerando a interpretação dos algoritmos em redes, como fonte de compreensão dos assuntos políticos, sociais e até históricos, a fim de entender a dimensão que abarca culturalmente as sociedades pela atuação dos atores sociais/digitais. Posto que, é na elaboração da reflexão fundamentada dos dados e na convergência com o repertório teórico onde apontando que, o método em si, já é político, enquanto instrumento imergente em ambientes digitais que repercutem relações de poder, conflitos e antagonismos. Não por acaso, o estudo de Daniel Miller (2016) leva a entender que a "Antropologia Digital" é capaz de oferecer um retrato sociocultural sólido ao mundo contemporâneo, qualificando a etnografia por ela estabilizar ao objetivo de estudo, o humanismo e a teoria em relatos esclarecedores e críticos da realidade da cultura analisada.

Referências

BOID, Donna (2008). **A Response to Christine Hine**, http://www.danah.org/papers/EthnoBoundaries.pdf .

FORTUN, Mike; FORTUN Kin; MARCUS, George. E. (2017) "Computers in/and Anthropology – The Poetics and Politics of Digitization". *In:*HJORTH, Larissa; HORST, Heather; GALLOWAY, Anne e BELL, Genevieve. **The Routeledge Copmanion to Digital Ethnography**. New York and London. Routledge. pp.11-19.

GEERTZ, Clifford. (1999) **Nova Luz sobre a Antropologia**. Tradução: Vera Ribeiro. Ed. Zahar.

GOFFMAN, Erwin (2004). **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Tradução de Maria Celia Campos Raposo. Rio de Janeiro: Ed.Vozes.

GOMES, Cruz, E. (2017) **Etnografia celular: una proposta emergente de Etnografia Digital**. Vitualis. 8 (16) . pp77-98.

HORST, Heather; HJORT, Larissa; TACCHI, Io (2013) **Rethinking Ethnography: An Introduction**; ed. Media International Studies/, https://www.researchgate.net/profile/Jo_Tacchi/publication/287906736_Rethinking_Ethnography_An_Introduction/links/569392f808aee91f69a837e2/Rethinking-Ethnography-An-Introduction.pdf. Accessed on 14.09.2018.

HINE, Christine (2004). **Etnografia Virtual.** Barcelona: Editorial UOC, http://ethnographymatters.net/blog/2013/11/29/christine-hine-on-virtual-ethnographys-e3-internet/ . Accessed on 23.03.2019.

______. (2008). **Virtual Ethnography: Modes,Varieties,Affordances**. In N. Fielding, The SAGE Handbook of Online Research Methods (1st ed.).

______. (2015*)*. **Ethnography for the Internet. Embedded, Emboidied and Everyday Internet** Copyright Bloonsbury Publishing, Huntingdon, GBR.
Hjorth, Larissa e Pink Sarah (2014). New visualities and the digital wayfarer: Reconceptualizing camera phone photography and locative media. In*: Mobile Media & Communication* Vol 2(1) pp.40– 57. RMIT University, Australia.

KOZINETS, Robert. V. (2014). **Netnografia**: Realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre

LATOUR, Bruno (1994) **Jamais fomos Modernos - ensaios de Antropologia Simétrica**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. Ed.34.

______. (2012) **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Salvador: EDUFBA-EDUSC.

MACKENZIE; WAJCMAN. Donald, Judy. (1999) **The Social Shaping of Technology**, Second Edition. Open University Press, Buckingham, UK.

MAUSS, MARCEL. (1993) **Manual de Etnografia**. Ed. Dom Quixote, Lisboa.

MILLER, Daniel. *(*2016) **How the world changed social media. London**: UCL Press, 2016.

RICHARDSON Ingrid e KEOGH Brendan (2017). Mobile Media Matters: The Ethnography and Phenomenology of Itinerant Interfaces. In: **The Rutledge Companion to Digital Ethnography**. pp.211-221.

SHEPPARD, Emily (2011) Antropology Goes Online Interactions. **University of St. Andrews Library Journal**. V.1, nº2, https://ojs.st-andrews.ac.uk/index.php/SAEE/article/view/402/355. Accessed on 12.02.2019.

SKÅGBY, Jorgen. (2011). **Online Ethnographic Methods: Towards a Qualitative Understanding of Virtual Community Practices**. Copyright IGI Global. Linköping, Sweden.

TRERÈ, Emiliano. (2016). **The Dark Side of Digital Politics: Understanding the Algorithmic Manufacturing of Consent and the Hindering of Online Dissidence** Ed. IDS Bulletin Vol. 47 No.1, Brighton. *In:* www.researchgate.net/publication/290609211_The_Dark_Side_of_Digital_Politics_Understanding_the_Algorithmic_Manufacturing_of_Consent_and_the_Hindering_of_Online_Dissidence. connexion on 19 January 2019.

WARD, J Katie (1999) The Cyber-Eyhnographic (Re) Constrution of two Feminist Online Communities. **Social Research Online**, vol, nº.1, http:www.socresonline.org.uk/4/1/Ward.html.

WINNER, Langdon. (1986) ¿Tienen política los artefactos? **Organización de Estados Americanos para la Educación, la Ciencia y la Tecnología**, http://www.oei.es/salactsi/winner.htm . Accessed on 15.03.2019.